

A cerâmica como uma atividade contemplativa diante dos excessos da era digital¹

Ceramics as a contemplative activity in the face of the excesses of the digital age

Helena Hernández Acuaviva²

1. A pesquisa apresentada é apoiada pelo VII Plan Propio de Investigación y Transferencia de la Universidad de Sevilla (VII PPIT - US), ferramenta central da Universidade de Sevilha para promover a geração de conhecimento e sua transformação em resultados benéficos para o ambiente universitário, e define a estratégia da Universidade de Sevilha no desenvolvimento dessas funções, essenciais para diferenciar as universidades de maior prestígio em nível internacional.

2. Bolsista de doutorado (Personal Investigador en Formación - PIF), no programa de I&D&I da Universidade de Sevilha (VII PPIT - US). Docente do Departamento de Desenho, pesquisadora, artista e estudante de doutorado em Arte e Patrimônio, desenvolvendo em cotutela internacional pela US e a UNESP. Integra o Grupo de Pesquisa Gráfica e Criação Digital (HUM822/US) e o GIIP (IA/UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4684-2791>, e-mail: acuaviva@us.es.

Resumo |

Em nossos dias, com o aumento do uso de dispositivos móveis, o senso de contemplação e a pausa diante das imagens foram prejudicados. Em um mundo onde a superabundância de informações ameaça ofuscar o sentido do tato, a capacidade de atenção e o processo na arte, o objetivo deste texto é expor como a cerâmica surge como um ato de resistência. Sua prática, sendo física e material, convida a uma pausa, criando um momento e um lugar de descanso; uma alternativa ao onipresente espetáculo visual. Ao longo do artigo, discutiremos como essa arte tradicional, que pode consumir muito tempo para ser feita, também nos ajuda a parar e meditar sobre a sociedade frenética em que vivemos. Para isso, nos baseamos nas reflexões de pensadores como Byung-Chul Han e Zygmunt Bauman, entre outros, exibindo uma série de obras autorais que exemplificam de forma criativa o assunto tratado. Assim, pretendemos refletir sobre as possibilidades oferecidas pela cerâmica como uma proposta meditativa e artística para o mundo que habitamos, hoje condicionado por um olhar ligado aos dispositivos digitais.

Palavras-chave: Celulares; Cerâmica; Criação artística; Memória; Tempo.

Abstract |

Nowadays, with the increase in the use of mobile devices, the sense of contemplation and the ability to pause in front of images has been impaired. In a world where the overabundance of information threatens to overshadow the sense of touch, the capacity of attention and the processual in art, the aim of this text is to expose how ceramics emerges as an act of resistance. Its practice, being physical and material, invites us to pause, creating a moment and a place of rest; an alternative to the om-

nipresent visual spectacle. Throughout this article, we will discuss how ceramics, a traditional art that can be time-consuming to create pieces, also help us stop and meditate on this frenetic society in which we live. To this end, we rely on the reflections of thinkers such as, Byung-Chul Han or Zygmunt Bauman, among others, exhibiting a series of original artworks that exemplify, in a creative way, the subject at hand. Thus, we intend to reflect on the possibilities offered by ceramics as a meditative and artistic proposal to the world we inhabit, conditioned by a look linked to digital devices.

Keywords: Cell phones; Ceramics; Artistic creation; Memory; Time.

1 Introdução

Vivemos em uma sociedade globalizada e acelerada, onde coabitamos com um fluxo constante e interminável de imagens, muitas delas percebidas por meio de dispositivos digitais conectados à internet. Uma sociedade líquida, como aponta Zygmunt Bauman (2021), que é caracterizada por seu estado fluido, instável e volátil, onde a incerteza reina, devido à velocidade desenfreada de mudanças que enfraqueceram nossos vínculos. Dentro da estrutura econômica do capitalismo tardio em que vivemos, a eficiência tecnológica tem imprimido uma aceleração notável à produção, aumentando os ritmos vitais e sociais até o ponto da *dessincronia* (Han, 2015). Como descreve Byung-Chul Han, a dessincronia é, igualmente, a atomização do tempo, dada pela sensação de que ele passa mais rápido do que antes, e a dispersão do tempo, pois que não nos damos espaço para experimentar qualquer tipo de duração (Han, 2015, p.7), de modo que a transitoriedade e a efemeridade nos identificam.

A percepção do tempo mudou, porque seu gerenciamento agora é afetado pela grande quantidade de informações que chegam constantemente até nós. Sem dúvida, isso também afetou a arte, pois nosso olhar está cada vez mais fugaz, em contraste com o tempo necessário para exibir e ver as obras de arte. Entrar numa criação artística envolve um esforço para observar e entender as obras, ou seja, requer investimento de tempo. Em paralelo, enquanto alguns artistas optaram por usar as mídias digitais, talvez, para falar a mesma língua da sociedade, outros optaram - entre a grande variedade existente ou que se pode criar - por usar técnicas tradicionais, que exigem uma imersão demorada, como nos casos da cerâmica da cerâmica, da pintura em pontilhismo, das miniaturas ou bordados à mão. Se isso torna essas técnicas pouco eficazes ou úteis para nosso sistema econômico, por outro lado, favorece a possibilidade de uma experiência de mergulho e de desaceleração, dando uma resposta contrária à voracidade consumista.

Com uma aproximação comparativo-analítica apoiada por argumentos e exemplos criativos, a partir de uma posição reflexiva e artística, propomos pensar a cerâmica como um veículo capaz de expor nossa realidade acelerada, a partir da contemplação e da pausa multissensorial. Por meio de quatro trabalhos autorais, os conceitos de tempo e memória serão evocados, em peças de cerâmica que abordam questões sociais e culturais de nosso tempo, numa perspectiva poética, metafórica e simbólica, confrontando o/a espectador/a com as contradições inerentes à vida moderna.

2 A cerâmica como resistência ao ritmo desenfreado da sociedade atual

Habitamos hoje em um mundo conectado à internet e às redes sociais, onde o ruído da comunicação aumenta a cada dia e onde o número de inter-relacionamentos cresceu significativamente. Reagimos a diferentes contextos sociais em um tempo de resposta vertiginosamente exigente, o que muitas vezes nos leva a assumir a personalidade e os valores daqueles com quem nos comunicamos, em uma espécie de ato reflexo, sem meditarmos objetivamente sobre os relacionamentos que mantemos.

Ao mesmo tempo, a digitalização do mundo, equivalente a uma total humanização e subjetivação (Han, 2019b, p. 30), anula os espaços do silêncio, do tátil, da materialidade, dos aromas e da gravidade da Terra (Han, 2019b, p. 144), de acordo com Byung-Chul Han. Em seu livro *Loa a la Tierra* (2019b)³, em que reflete sobre a terra por meio da jardinagem, argumenta que deixamos de ver e ouvir a natureza e, assim, “[...] cobrimos a terra com nossa própria retina e, ao fazê-lo, nos tornamos cegos para o que é diferente” (Han, 2019b, p. 30). O que o filósofo chama de

3. *Louvor à Terra* (2019b, tradução da autora).

diferente, negativo e estranho, é rejeitado em nossa era, que se caracteriza pelo polido, limpo, liso e sem defeitos. O uso de celulares inteligentes também obedece a essa estética do polido, tanto em seu *design* externo quanto em sua funcionalidade (Han, 2019a, p. 11), ao passo que o negativo é eliminado, porque atrapalha a comunicação acelerada (Han, 2019a, p. 12).

Em contraponto a essa positividade extremada, a modelagem em argila nos aproxima do natural, do desconhecido, do improvável e, acima de tudo, do negativo. Entendemos o negativo como tudo aquilo que pode ter alguma falha, ou o que deixa o caminho aberto para a alteridade. Nesse sentido, a cerâmica feita à mão pode desafiar a estética perfeccionista e a clareza racional: cada peça é única e pode apresentar imperfeições, pois as rachaduras ou falhas em uma peça sinalizam seu processo criativo, sendo parte integrante de sua identidade.

Já em 1972, o filósofo japonês Soetsu Yanagi reconhecia na imperfeição um traço essencial da verdadeira beleza, associando-a à vitalidade, à singularidade e a uma dimensão espiritual profunda que se manifesta nos objetos feitos à mão (Yanagi, 1972). Para Yanagi, a assimetria, a irregularidade e as marcas do processo de feitura não são falhas, mas expressões da vida que habita a matéria. Nessa mesma perspectiva, o curador e historiador Glenn Adamson (2013) argumenta que o artesanato deve ser compreendido como uma forma de conhecimento incorporado, que surge do envolvimento direto entre o corpo do artesão e os materiais com os quais trabalha. Nesse contexto, o erro, a impermanência e a variação não apenas são tolerados, mas vistos como elementos que enriquecem a prática criativa, revelando a presença humana no fazer. A cerâmica artesanal, portanto, celebra essas imperfeições como testemunhos de uma experiência sensível, de um tempo incorporado ao fazer e de uma relação profunda entre o corpo, o gesto e a matéria.

Ela também oferece uma forma de experimentação sempre aberta às incertezas, possibilitando diferentes dimensões sensoriais e culturais,

que permitem que uma nova experiência seja apreciada a cada vez que é trabalhada. Essa abertura à incerteza não é meramente formal ou material, mas também temporal. A cerâmica, com seus ritmos próprios de produção - incluindo o tempo de secagem, a espera pela queima, o resfriamento das peças, a repetição de gestos etc - nos leva a fazer pausas. Mas essas pausas não devem ser interpretadas como algo simplesmente espontâneo, natural ou romanceado, porque são o efeito de uma linguagem técnico-sensorial que impõe um ritmo diferente ao corpo e à percepção.

O trabalho com a argila exige atenção, escuta e respeito pelo tempo da matéria. Há um momento em que é necessário parar de alisar, porque o barro precisa de evaporação para novo processo de alisamento, criando uma experiência estética que interrompe a lógica acelerada da produção digital. O contato com o barro ativa uma memória corporal marcada pela interação com o material por meio dos sentidos, desde os sons dos materiais sendo misturados, o cheiro da argila molhada e o toque, que nos permite sentir sua umidade, maciez e consistência. Essa experiência multissensorial ativa formas mais amplas de atenção, inclusive afetivas, rompendo com o tipo de estimulação que predomina nas telas digitais.

Antes de se solidificar em uma obra, a argila desafia a estabilidade e emana do improvável, lembrando-nos da vulnerabilidade e da natureza efêmera de toda criação humana. O uso dessa técnica nos convida a considerar como o toque pode ser um meio de alterar a lógica do que vemos, pois a argila abre um caminho sensorial para além da imagem, e nos mostra histórias, traços de memória e camadas de significados. O processo criativo de cada peça dialoga com as limitações e possibilidades, pois resulta de uma interação constante com o corpo do artista, o maquinário, os materiais utilizados e os tempos das etapas, até atingir a maturidade.

Da mesma forma, o uso do barro nos conecta às nossas origens, porque a cerâmica está intimamente ligada à história da humanidade, sendo um reflexo fiel de seus costumes e ideias, uma testemunha de sua criatividade e evolução (Cottier-Angeli, 1980, p. 8). Há milhares de anos, a cerâmica popular - criada com faiança esmaltada, faiança ou porcelana - está presente em nossos lares, tanto humildes quanto aristocráticos (Lévi-Strauss, 1986, p. 17), o que implica uma carga histórica e cultural que remonta aos saberes ancestrais, transmitidos ao longo de gerações por meio da prática e da oralidade. Mesmo que as tecnologias emergentes e a transformação digital estejam em voga e em constante avanço, não podemos nos esquecer de que ainda somos humanos. Derivada do latim *humānus*, a palavra *humano*, em seu significado literal, *é que vem da terra*; o que provém da antiga crença de que o primeiro ser humano foi criado após ser moldado a partir do barro (López, 2021).

Conceição Evaristo, em seu livro *Ponciá Vicêncio* (2005)⁴, exemplifica a questão ancestral, de mergulho em nossas raízes, com uma história que metaforiza essa desconexão da natureza, mas que pode levar à loucura. A autora propõe que a melhor maneira de combater o vazio, no caso de se viver na cidade, seria retornar à nossa essência criativa junto à lama; retornar ao rio onde a água e a essência da vida foram encontradas, para criar (Evaristo, 2005, p. 129). Isso implica um retorno ao tangível, ao que é construído e modelado a partir da pele e do corpo num processo lento, que requer tempo de elaboração e que não pode ser apressado.

Além disso, há evidências científicas de que estar em contato com a terra nos faz sentir bem; ajuda a reduzir a ansiedade e pode afastar a depressão. Estar perto da natureza pode ser uma boa alternativa aos medicamentos antidepressivos, porque há uma bactéria natural do solo

4. *Ponciá Vicêncio* é uma obra profunda e comovente, que explora a vida de uma jovem afro-brasileira que luta para encontrar seu lugar num mundo marcado pela injustiça racial e pela dor histórica. Ela viaja da terra de seus ancestrais escravizados ao vazio da vida urbana. O livro destaca a grande influência e importância que as mulheres afro-brasileiras tiveram na cultura brasileira, com grande presença na cerâmica.

chamada *Mycobacterium vaccae*, que é frequentemente ingerida e respirada quando uma pessoa passa algum tempo em um ambiente natural (Barcat, 2011, p. 186). No trabalho intitulado “Effect of *Mycobacterium vaccae* on Learning in Mice”, essa evidência foi apresentada pelas cientistas Dorothy Matthews e Susan Jenks na *110th General Meeting of the American Society for Microbiology*, em San Diego, em 2010. Os resultados foram posteriormente publicados num artigo de pesquisa (Matthews; Jenks, 2013). Para realizar o experimento, as pesquisadoras do Sage Colleges em Troy, Nova York (EUA), alimentaram um grupo de ratos em um labirinto com a bactéria viva e outro sem. Aqueles que haviam ingerido *Mycobacterium vaccae* percorreram o espaço duas vezes mais rápido e com menos ansiedade do que o grupo que não havia tido contato com a bactéria (Estrada Loyo, 2012, p.121).

Diante do que foi descrito, argumentamos que tratar o barro pode ser uma ação terapêutica e curativa para nossa sociedade *paliativa* (Han, 2021), que foge compulsivamente do negativo, sem conseguir eliminá-lo. Essa sociedade anestesiada, que mantém o sujeito funcionando por mais tempo e em uma velocidade cada vez maior, o distancia de uma relação com a dor. A cerâmica abre portas para essa dor, entendida como “[...] a brecha por onde entra o totalmente diferente” (Han, 2021, p. 17); uma abertura para essa possibilidade de experimentar o negativo e de obter resultados imprecisos, desencantadores, quebrados ou descartáveis.

3 Arqueologia do celular: a memória do dispositivo móvel, nosso primeiro contato

Nossos aparelhos eletrônicos estão em constante mudança: eles evoluem e são descartados em grande velocidade; costumam ser esquecidos devido à sua obsolescência, e raras vezes permanecem, adormecidos, em nossas memórias. Por meio do trabalho *Arqueologia do celular*, podemos refletir sobre como vivemos em um mundo onde objetos que antes tinham um valor pessoal são marcados como lixo, sendo descartados ou acumulados, sem que tenhamos a memória de que nos pertenceram. Em nosso uso de telefones celulares, vemos que eles duram pouco, até a chegada do próximo modelo. Se não nos mantivermos atualizados, podemos encontrar dificuldades para viver no mundo social e até ser excluídos da sociedade.

Desenvolvida no âmbito da Disciplina *Contar histórias e caminhar com ancestrais - A cerâmica e suas contribuições para o pensamento decolonial na arte*, no Instituto de Artes da UNESP, a proposta *Arqueologia do celular* teve um caráter experimental, relacionando-se com as ideias realizadas numa estadia de dois meses de pesquisa no Brasil, em 2024.



Figuras 1 e 2 – Arqueologia do celular. Helena Hernández Acuaviva. Cerâmica. Peça 1 (esquerda) 10 x 5 x 3 cm; Peça 2 (direita) 13 x 4 x 2,5 cm, 2024. Fonte: Propriedade da autora ©.

Como autora de origem espanhola e com estudos em nível de doutorado em arte, refleti neste trabalho sobre o conceito de memória na era digital e o primeiro contato com a globalização no Ocidente.

Como enfoco arte e redes sociais, meu trabalho artístico experimental tem referência em minha própria memória, que percebi ser compartilhada com as sociedades brasileira e espanhola. A partir dessa memória, que tem origem no uso e na proliferação global do telefone celular, a partir dos anos 2000, foram feitas as reproduções de telefones celulares de terracota do Brasil, queimadas em biscoito e não esmaltadas (Figs. 1 e 2). A ausência de esmalte identifica as peças apresentadas como vestígios. Assim, a nudez da argila reflete a natureza ancestral do celular, apresentando metaforicamente a arqueologia da sociedade contemporânea. Atualmente, existem duas esculturas de telefones celulares, porém o projeto está aberto a continuar incorporando novos modelos.

4 *Fragile*: solidez em face do consumo

Fragile (Figs. 3 e 4) é um trabalho que critica o frenesi consumista de nosso mundo neocapitalista, impregnado em todos os lugares pelo imediato e atraente. Estamos acostumados a ter tudo na palma da mão, sem a antiga necessidade de esperar para comprar uma camiseta, nem de entregar um documento físico a alguma organização: com um único clique em nossos dispositivos móveis, podemos ter quase tudo em poucas horas ou dias, dependendo da solicitação. Esta obra nos convida a ter consciência e a valorizar o que consumimos. Conforme descrito por Bauman, a modernidade líquida em que vivemos, em que “[...] a solidez das coisas e das relações humanas é percebida como uma ameaça” (Bauman, 2015, p. 43), é difícil fazer uma pausa, tomar distância e ver a realidade de uma perspectiva diferente.



Figuras 3 e 4 – Frágil. Helena Hernández Acuaviva. Cerâmica. Imagem 1 (esquerda) frente e Imagem 2 (direita) atrás. 27 x 21 x 0,2 cm | 2024. Fonte: Propriedade da autora ©.

A proposta, em andamento, é baseada nessa primeira peça, que recria um envelope amazônico, medindo 27 cm x 21 cm x 0,2 cm, e que assume a forma de um objeto único, sólido e durável. O objetivo do projeto é aumentar a significação de objetos da vida cotidiana aos quais não damos a menor atenção, como é o caso dos envelopes que envolvem objetos e que, uma vez cumprida sua função, são queimados ou descartados de alguma forma. Como contraponto a esse imediatismo, sugiro uma série de peças baseadas na criação manual, com falhas inerentes a esse tipo de fabricação. Como exigem muito tempo para serem produzidas, seriam rotuladas como carregadas de negativo, em referência ao inesperado, improvável ou raro. A cerâmica é apresentada aqui como um veículo que mostra como a arte pode ser plena de ambiguidade e silêncio; ainda assim, por meio de detalhes, percebidos nas texturas e nos materiais usados, as peças falam por si mesmas.



Figura 5 – Melting. Helena Hernández Acuaviva. Cerâmica sobre suporte de vidro, 10 x 35 x 36 cm (suporte 63,5 x 48 cm), 2022. Fonte: Propriedade da autora ©.

5 Melting: esgotamento digital e mídia social

*Melting*⁵ (Fig. 5) é inspirada nas célebres pinturas *Finis gloriæ mundi* e *In ictu oculi* (*O fim da glória do mundo* e *Num piscar de olhos*), conhecidas como *Jeroglíficos de las Postrimerías* (*Hieróglifos das Postrimerías*), do pintor espanhol Valdés Leal, do século XVII. Porém, é abordada por meio de uma questão de nosso tempo: a dependência das redes sociais. A peça, uma cabeça escultural, é modelada em cerâmica e é apresentada em um suporte de vidro preto, que funciona como uma tela, na qual o rosto parece derreter. Com essa obra de arte, buscamos provocar a reflexão sobre o uso que fazemos das redes sociais e como a identidade tende a diluir-se nelas. Queremos, portanto, questionar como o indivíduo racional, com uma identidade crítica, que se pressupõe ser humana, cedeu ao “inferno do mesmo” (Han, 2019b, p. 54), como diria

5. *Melting* foi exibida em várias exposições coletivas na Espanha: no *LXXI Salón de Otoño*, na Real Academia de Bellas Artes de Santa Isabel de Hungría, localizada na Casa de los Pinelo, em Sevilha (08/11/2022 - 18/11/2022); em *Postrimerías. In ictu oculi / en un parpadeo*, no Museo de Arte Contemporáneo de Fregenal de la Sierra em Badajoz (29/ 12/ 2022 - 29/ 01/ 2023); e, em *Postrimerías. Valdés Leal desde la Facultad de Bellas Artes de Sevilla*, no Hospital da Santa Caridade, em Sevilha (14/10/2022 - 09/11/2022).

o filósofo Byung-Chul Han, tornando-se parte de uma massa uniforme e auto satisfeita, incapaz de pensar e agir por vontade própria.

Este trabalho faz parte da produção artística em realização no âmbito da tese de doutorado *La era de la productibilidad digital: Internet y los modos de crear, observar y ser observado*, por meio da qual pretendo examinar, a partir do campo das Artes Visuais e da pesquisa científica, como flui e se transforma a imagem artística que navega na internet, nas redes sociais e nas plataformas virtuais, abordando duas questões que entendo estar intimamente associadas à condição contemporânea: por um lado, o fenômeno da pós-verdade e, por outro, a problemática da saturação do eu.

6 *Friends meeting*: celulares, amizade e (des)conexão

Soa paradoxal que o título dessa obra escultural, *Friends meeting* (Fig. 6), faça alusão a uma reunião de amigos, já que nenhuma pessoa é representada como tal. De fato, queremos provocar a pergunta: - Quem já não sentiu a ausência de um amigo em uma reunião com várias pessoas, que está olhando para o seu dispositivo móvel, sem prestar atenção em mais nada?

Aqui, esse fato, que normalizamos - embora seja muito comum na sociedade atual -, é exposto metaforicamente. Os seis “celulares inteligentes” de cerâmica, medindo 7,5 x 14,5 x 0,5 cm cada, têm telas brancas que simbolicamente se referem à luz emitida por nossos celulares inteligentes. O suporte de vidro redondo, com Ø 60 cm e 0,7 cm de espessura, onde os celulares são colocados, funciona como um espelho, refletindo o/a espectador/a curioso/a que deseja olhar atentamente para a obra, como se fosse uma janela material ou virtual (em alusão ao *Windows*, o conhecido sistema operacional carro-chefe da Microsoft).

Figura 6 – Friends meeting. Helena Hernández Acuaviva. Cerâmica sobre suporte de cristal, 7,5 x 14,5 x 0,5 cm (Suporte: Ø 60 cm), 2022. Fonte: Propriedade da autora ©.



7 Considerações finais

Como vimos ao longo do texto, a cerâmica pode ser um meio ótimo de resposta ao vórtice acelerado do mundo globalizado em que vivemos. Sua natureza criativa exige tempo para contemplação, paciência nas fases do processo e comprometimento com a execução. Em uma sociedade caracterizada pela velocidade, perfeição superficial e eliminação da alteridade, o processo de modelagem em cerâmica serve como contraponto. A cerâmica, que nos conecta às nossas raízes, à nossa humanidade e às nossas emoções, implica na centralidade do tempo, abrindo caminhos para a pausa e a reflexão, tanto na fabricação com argila, quanto em sua visualização, aprimorando profundamente a experiência artística e sensorial.

Por meio de pensadores como Zygmunt Bauman, discutimos como os seres humanos estão imersos em um consumo rápido e satisfatório. As reflexões de Byung-Chul Han, reunidas de vários livros, demonstraram como o contato com a terra nos liberta do aprisionamento. Ao lado das teorizações, as obras analisadas neste artigo expõem diferentes pontos de vista sobre as realidades que vivemos, em uma sociedade em constante estado de fluidez e volatilidade, cada vez mais fragmentada. Cada peça é única, modelada à mão, com imperfeições de aspectos fundamentais da própria experiência humana.

A cerâmica é apresentada como uma resistência cultural, uma alternativa que favorece a conexão com o natural e o ancestral. O trabalho *Arqueologia do celular* nos lembra que os dispositivos móveis, além de terem sido projetados para facilitar a comunicação e nos conectar virtualmente com um número cada vez maior de pessoas, são objetos de consumo que carecem de valor sentimental. A obra, que apresenta o *design* de equipamentos obsoletos, oferece um diálogo sobre como a arte pode recuperar memórias que se perderam no turbilhão do avanço tecnoló-

gico, dando-lhes redefinição e valor. Além de documentar nossa relação com a tecnologia, esse trabalho também provoca uma profunda reflexão sobre o que deixamos para trás quando seguimos o ritmo implacável da modernidade. Por sua vez, *Fragile* possibilita repensarmos nossa relação com os objetos do cotidiano, valorizando coisas que, geralmente, são ignoradas ou descartadas sem maiores considerações. Com a transformação de objetos efêmeros e utilitários em obras permanentes e sólidas, o imediatismo e a impermanência deixam de ter dominância, cedendo espaço à observação e à meditação da obra. A obra oferece a alternativa de apreciarmos o inesperado e o único, convidando os/as espectadores/as a repensarem seus hábitos de consumo.

No caso de *Melting*, aborda um dos problemas centrais de nosso tempo: o vício em redes sociais e seu forte impacto em nossa subjetividade. A peça expõe como a constância de interagir e habitar redes afeta a forma como nossas identidades tendem a se dissolver em um mar de mesmice, perdendo em singularidade e criticidade. A dinâmica do consumo digital afeta o modo como a autenticidade é substituída pela construção de um eu saturado, fragmentado. Enquanto esse trabalho nos convida a ter um olhar crítico e a considerar nosso papel diante da superexposição digital, *Friends meeting* apresenta uma provocação sobre a desconexão que existe em uma era marcada pelas redes sociais, onde imperam a individualidade e o ego. O trabalho revela um fenômeno cotidiano, uma reunião (de família ou entre amigos) em que as pessoas presentes estão absortas em seus telefones celulares. A representação visual do trabalho condena o fato de que os celulares inteligentes, muitas vezes, funcionam como uma barreira e um vácuo de comunicação, o que temos normalizado.

Por fim, o trabalho com a cerâmica não deve ser considerado apenas como um ato criativo, mas também como um ato de resistência a uma sociedade frenética e hiper acelerada. Ela nos ajuda a explorar o

desconhecido e nos ensina a aceitar as emoções negativas como parte da realidade. Criar com argila proporciona espaço para contemplação, alteridade e ligação com a essência, reconectando-nos com a materialidade e o humano. Além do mais, nos convida a pensar de forma crítica sobre as limitações de percepção e as convenções de representação de nosso tempo.

Referências:

ADAMSON, Glenn. **The invention of craft**. Oxford: Berg Publishers, 2013.

BARCAT, Juan Antonio. Mycobacterium vaccae e inteligencia: Sensacionalismo y propaganda en los comunicados de prensa. **Medicina**, Buenos Aires, vol. 71, n. 2, p. 186-188, 2011. Disponível em: https://medicina-buenosaires.com/demo/revistas/vol71-11/2/v71_n2_p.186-188.pdf. Acesso em: 02 nov. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Arte ¿líquido?** Madrid: Ediciones Sequitur, 2015.

COTTIER-ANGELI, Fiorella. **La cerámica**. España: Ediciones Rufino Torres, 1980.

ESTRADA LOYO, Eduardo. Bacterias bienhechoras. **Ciencia-UANL**, Nuevo León, vol. 15, n. 57, p. 121-125, 2012. Disponível em: <http://eprints.uanl.mx/9313/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

HAN, Byung-Chul. **El aroma del tiempo**. Barcelona: Herder, 2015.

HAN, Byung-Chul. **La salvación de lo bello**. Barcelona: Herder, 2019a.

HAN, Byung-Chul. **Loa a la Tierra**. Un viaje al jardín. Barcelona: Herder, 2019b.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

LÓPEZ, Alfred. El curioso origen etimológico del término 'humano'. **20 minutos**, 2021. Disponível em: <https://www.20minutos.es/cultura/blogs/yaestaellistoquetodolosabe/curioso-origen-etimologico-termino-humano-5627180/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

MATTHEWS, Dorothy; JENKS, Susan. Ingestion of Mycobacterium vaccae decreases anxiety-related behavior and improves learning in mice. **Behavioral Processes**, Amsterdam, v. 96, p. 27-35, 2013, jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2013.02.007>. Acesso em: 01 nov. 2024.

YANAGI, Soetsu. **The unknown craftsman**: a Japanese insight into beauty. Tokyo: Kodansha International, 1972.

Submetido em: 17/ 11/ 2024

Aceito em: 21/05/2025